

Discurso da Presidente do Parlamento Nacional

Na XV Sessão Ordinária da AP-CPLP

"Governança Democrática, Segurança e Integridade: Fortalecendo a Resiliência Institucional na CPLP"

Luanda, Angola

2026

Excelências,

Um dos grandes poetas da nossa língua, Camilo Pessanha —que viveu quase toda a sua vida no Oriente— olhou um dia para o mar e escreveu:

"Sob a água clara, vê-se o fundo do mar, de areia fina... a distância sem fim que nos separa."

Pessanha viu no oceano uma distância sem fim.

Eu, dessa mesma Ásia onde ele viveu, venho dizer-vos, com todo o respeito pelo poeta, **exatamente o contrário**.

Porque há uma verdade que os nossos povos conhecem desde sempre:

o que corre nas nossas veias é mais forte do que toda a água do mar.

O oceano afasta as margens — mas o sangue, a língua e a família cruzam-no sempre, nenhuma maré é suficiente para apagar o que partilhamos.

E é por isso que cada um de nós, esteja onde estiver, nunca fala apenas por si.

Quando me sento numa mesa do outro lado do mundo, não levo comigo apenas Timor-Leste, levo a voz de Luanda e de Maputo, de Praia e de São Tomé, de Lisboa e de Brasília, de Malabo e Bissau.

Onde está um de nós, está a Comunidade inteira.

Essa é a nossa maior responsabilidade — e a nossa maior força.

É a partir daqui que quero falar do tema que nos reúne: governação democrática, segurança e integridade.

Porque uma democracia é como um povo no mar. Não se mede pela calma — mede-se pela tempestade.

A governação democrática é o leme; a segurança, o casco que nos protege das ondas; a integridade, a quilha que nos impede de virar; e a resiliência institucional é a certeza de que, quando o temporal se levanta, o barco aguenta.

E, com este espírito, quero lembrar, por um momento, uma ausência.

Excelências,

Há hoje, à mesa desta família, uma cadeira que não está ocupada, as circunstâncias afastaram, por ora, uma das nossas vozes deste encontro.

Por respeito, não trago aqui nomes nem juízos — trago algo mais difícil de dizer e mais importante de lembrar. Quem hoje não se senta connosco continua a ser dos nossos.

O seu lugar está guardado, a sua voz continua a ser levada por cada um de nós aos quatro cantos do mundo, pela lusa língua que é a nossa.

Nas palavras de filho da Guiné-Bissau — o poeta Tony Tcheka — “nas águas serenas do Corubal a lusa língua sobe rio acima... e na parede alta do macaréu sonha com o meu país.”,

Também nós sonhamos.

Numa família, não se deixa de sonhar.

Porque quando o mar se levanta contra um membro da família, os outros seguram o leme e esperam — o tempo que for preciso — para remar de novo, lado a lado.

Até que a maré volte a trazer todos para a mesma praia.

Excelências,

Permitam-me agora falar do lugar de onde venho.

Enquanto Presidente do Parlamento Nacional de Timor-Leste, no extremo nascente desta família, vivo hoje um momento que muito nos orgulha, há poucos meses, Timor-Leste tornou-se o membro mais novo da ASEAN — a comunidade de nações do Sudeste Asiático, uma das regiões mais dinâmicas, mais jovens e mais populosas do planeta.

Para o país mais novo desta família lusófona, sentar-se a essa mesa não é apenas uma conquista diplomática, é uma porta que se abre, é uma porta que se abre para todos

Porque quando Timor entrou na ASEAN, entrou com ela toda a nossa Comunidade.

Timor leva para essa mesa asiática a mesma voz que aqui represento — a voz de um mundo que fala português em quatro

continentes, e aos nossos parceiros do Sudeste Asiático explico, com orgulho, que connosco não chega apenas um país pequeno: chega uma rede de afetos e de interesses que liga a Ásia a parlamentos, a mercados e a povos de África, da Europa e das Américas.

É este o papel que Timor escolheu: ser a porta por onde o mundo lusófono entra na Ásia e por onde a Ásia encontra o mundo lusófono.

Um país pequeno, no extremo da Ásia, é capaz de fazer circular, numa só família, o mesmo sangue por quatro continentes.

E aquilo que é único não se herda apenas — promove-se, defende-se, cultiva-se todos os dias.

Cabe-nos a nós, parlamentos aqui representados, transformar este laço de afeto em resultados concretos: instituições democráticas que cooperam, experiência de boa governação que se partilha, solidariedade que se sente, e uma língua comum que circula não só na cultura, mas na economia, na ciência e na diplomacia dos nossos povos.

Excelências,

Comecei com um poeta português que, do outro lado do mundo, no Oriente, via no mar uma distância sem fim, falei de um poeta guineense que olhando outro mar, sonha, deixem-me agora terminar com uma frase de Agostinho Neto:

"O oceano separou-me de mim... e eis-me presente, reunindo em mim o espaço, condensando o tempo."

É isto, no fundo, a nossa Comunidade: o oceano que parecia separar-nos é, afinal, aquilo que nos reúne.

O mar nunca foi fronteira para quem partilha o mesmo sangue — foi sempre caminho.

Que saiamos desta Cimeira decididos a percorrê-lo, uns ao encontro dos outros, sem esquecer quem hoje, por agora, não pode fazer a travessia connosco.

Excelências,

Entre nós há três oceanos.

Tanto mar.

E, no entanto, aqui estamos.

Estamos juntos.

Obrigada,